

Ciências Sociais e *Laudato Si'*: perspectivas convergentes da temática ambiental

Social Sciences and Laudato Si': Convergent perspectives on the environmental theme

Duarcides Ferreira Mariosa¹, Lindener Pareto Jr.², Samuel Augusto Elias³

Resumo

Para tratar simultaneamente das dimensões econômicas, ambientais e sociais do espaço humano, de “nossa casa comum”, o artigo pretende aproximar, a partir de alguns conceitos clássicos da Sociologia, Antropologia e Ciência Política, a produção teórica acadêmica sobre o Ser Humano e seu ambiente, e relacioná-la aos conceitos e apelos do Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si'*. Neste documento o Pontífice defende a Ecologia Integral e propõe formas adequadas, segundo os mais sólidos princípios da ética cristã, para trabalhar a relação sociedade, ambiente e economia, de modo a reduzir os impactos da crise ambiental e social que caracterizam o início do século XXI, e garantir uma vida sustentável para as gerações seguintes. A relação das Ciências Sociais com o meio ambiente é especialmente convergente com a *Laudato Si'* neste ponto, pois, desde a década de 1960, passou a considerar os danos causados pelo acelerado ritmo mundial de produção econômica e como isso estava afetando os estoques de recursos naturais presentes no planeta, e mais grave, aprofundando as desigualdades econômicas e sociais e reduzindo a expectativa de usufruto de uma vida saudável e de qualidade para a grande maioria da população do planeta.

Palavras-chave: Ciências Sociais. Ecologia Integral. *Laudato Si'*. Sustentabilidade socioambiental.

Abstract

In order to deal with the economic, environmental and social domains of human space simultaneously, from “our common home”, the article intends, based on some of the classic concepts in Sociology, Anthropology and Political Science, to bring the academic theoretical production closer to the human being and its environment and relate it to the concepts and appeals of Pope Francis’s encyclical Laudato Si’. The Pope’s ‘Integral Ecology’ proposes suitable ways, according to the most solid principles of Christian ethics, to meet the needs of society, environment and economy in order to reduce environmental impact and

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Serviço Social. Rod. Dom Pedro I, km 136, Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: D.F. MARIOSA. E-mail: duarcidesmariosa@puc-campinas.edu.br

² Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdades de História e Ciências Sociais. Campinas, SP, Brasil.

³ Graduando, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Faculdade de Ciências Sociais. Campinas, SP, Brasil.

social crisis that characterize the beginning of the 21st century and guarantee a sustainable life for the next generations. The relationship of Social Sciences with the environment is particularly convergent in the Laudato Si' in this respect because, since the 1960s, it began to consider the damage caused by increased international economic production and how it affected natural resources on the planet, deepening economic and social inequalities and reducing the expectation of health and quality life for the vast majority of the world population.

Keywords: *Social Sciences. Integral Ecology. Laudato Si'. Socio-environmental sustainability.*

Introdução

As Ciências Sociais, desde seu estabelecimento como campo científico, procura estudar aspectos da relação indivíduo e sociedade mediante o emprego de referenciais específicos da Sociologia, Antropologia ou da Ciência Política. Campos científicos estes que, direta ou indiretamente, preocuparam-se com os desdobramentos e o impacto das atividades humanas em seus respectivos ambientes de existência. Em geral, acompanhando as especificidades do contexto histórico em que eram produzidas, entretanto, as abordagens utilizadas assumiam perspectivas de análise distintas, consolidando, a cada tempo, os diversos referenciais teóricos e metodológicos adotados nas academias. Este argumento é suficientemente válido quando se observa a crise ambiental presente⁴.

O tema sustentabilidade, discutido interdisciplinarmente no âmbito das Ciências Sociais, é teoricamente fundamental para lidar com a emergência de uma série de fenômenos disruptivos que vicejam na sociedade moderna⁵. O tempo atual é dos contrastes e das contradições, de conquistas e de retrocessos, de crise⁶. Avanços tecnológicos trazidos pela ciência, e as transformações econômicas e sociais a eles associadas, produziram resultados civilizatórios imediatos, como o aumento da expectativa de vida, o controle de doenças antes letais, a redução da mortalidade infantil e a possibilidade da produção e consumo de bens em escalas nunca antes sequer imaginadas. Em sentido inverso, a pobreza, a fome, guerras fratricidas, a degradação ambiental, a desigualdade econômica e social, as intolerâncias raciais e religiosas e o cerceamento de direitos fundamentais do ser humano assomam proporções igualmente gigantescas⁷.

O modelo societário, iniciado com a Revolução Industrial no século XVIII, vive sua crise mais profunda: de identidade, de valores, de princípios éticos que orientam a racionalidade dos hábitos e comportamentos; insuficiência dos recursos naturais para manter os atuais níveis de produção e hábitos de consumo, impondo deficiências na

⁴ VEIGA, J.E. *Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

⁵ LÉNA, P.; NASCIMENTO, E.; LATOUCHE, S. (Ed.). *Enfrentando os limites do crescimento: sustentabilidade, decrescimento e prosperidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

⁶ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. Vaticano, 2015. §119. Disponível em: <http://w2.vatican/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 30 jan. 2017.

⁷ MÉSZÁROS, I. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

circulação de bens e limites ao crescimento populacional e econômico. A degradação ambiental e o aprofundamento das desigualdades econômicas e sociais são as sequelas mais contundentes desse processo⁸.

Para enfrentar as diversas formas de exclusão decorrentes do modelo de uso intensivo dos recursos, a Ecologia Integral, segundo os mais sólidos princípios da ética cristã, propõe formas adequadas e sustentáveis, solidamente embasadas em pesquisas científicas, para tratar simultaneamente as dimensões econômicas, ambientais e sociais do território, de “nossa casa comum”⁹. É sob esta perspectiva – da nossa casa comum – que o presente texto reflete, brevemente, sobre algumas das convergências que unem a abordagem das Ciências Sociais em seus três campos de conhecimento, sobre as relações sociais, e a *Laudato Si'*, Epístola do Papa Francisco que trata da questão ambiental, propondo a Ecologia Integral como forma de trabalhar a relação sociedade, ambiente e economia, de modo a reduzir os impactos da crise ambiental e social, que caracteriza o início do século XXI, e garantir uma vida sustentável para as gerações seguintes.

As Ciências Sociais e a questão ambiental

A Sociologia, como ciência, assenta-se nas produções clássicas de Emile Durkheim, Karl Marx e Max Weber. O referencial teórico destes autores foi construído a partir, principalmente, de estudos e da observação do impacto da Revolução Industrial na sociedade europeia, que alterou, por completo, o modo como o homem tratava a natureza. Mesmo não tendo abordado de forma mais aprofundada as questões ecológicas, Durkheim, Marx e Weber foram referenciados, no século XX, como teóricos a serem seguidos neste campo de pesquisa.

Os estudos sobre a sociedade, no século XIX, foram pensados mediante sua associação com as ciências naturais¹⁰. Augusto Comte via a sociedade como um organismo vivo. No mesmo século, Herbert Spencer, seguindo as teorias de Comte, expressou tal contribuição através de sua determinista interpretação da teoria evolucionista da sociedade. Charles Darwin foi quem o influenciou, pois este considerava que os seres humanos são capazes de se adaptar aos ambientes, e aqueles que conseguem esta adaptação, sobrevivem construindo sociedades complexas. “Assim, tanto em Comte como em Spencer, as bases do funcionalismo estavam lançadas dentro de um quadro de analogias orgânicas”¹¹.

Contrário ao pensamento organicista, mas ainda adotando contribuições evolucionistas, “Marx enfatizou a base econômica e de classe da sociedade “[...] em contraste

⁸ LEFF, E. *Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2009.

⁹ Cf. FRANCISCO, Papa, 2015.

¹⁰ DURKHEIM, É.; LUKES, S.; HALLS, W.D. *The rules of sociological method: And selected texts on sociology and its method*. New York: Free Press, 2014.

¹¹ BUTTEL, F.H. A sociologia e o meio ambiente: um caminho tortuoso rumo à ecologia humana. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, v.15, n.1, p.69-94, 2009.

com o 'pensamento organísmico' preponderante em sua época"¹². Durkheim, ao analisar a instabilidade em que a França passava no fim do século XIX, seguiu, em parte, as tendências intelectuais de seu tempo, como o evolucionismo de Darwin e, principalmente, de Spencer e o positivismo de Comte. Porém, diferentemente deles, para Durkheim.

[...] o desenvolvimento da divisão do trabalho era um fato social a ser explicado por meio de fatores sociais (extra individuais). Em segundo lugar, conforme já indicado anteriormente, Durkheim recusava a imagem simplista do movimento unilinear em direção ao progresso advogada por Spencer. Grande parte do *The Division*, de fato, foi dedicada às divisões de trabalho anômicas e forçadas, resultantes da crescente diferenciação sem o comparável desenvolvimento dos mecanismos de solidariedade orgânica. Em terceiro lugar, Durkheim fugiu do desenvolvimento de uma teoria global de mudança social e dos estágios de evolução que constituíam o ponto central do trabalho de Spencer¹³.

Max Weber, por outro lado, diferente de Marx e Durkheim, via que a objetividade científica e o caminho evolucionista para análise das relações sociais eram impossíveis. Para Weber:

[...] a direção da mudança não era imanente às estruturas sociais, mas sim formada por constelações de fatores históricos mutantes, em última análise enraizada em comportamento individual subjetivamente expressivo e em acidente histórico ou em conjectura¹⁴.

Weber reforçou assim a ideia do protagonismo histórico dos agentes sociais, o que significa dizer que, segundo seu postulado teórico, o ser humano é quem dá significado tanto às relações humanas quanto aos ambientes em que estão¹⁵.

No decorrer do século XX, cientistas sociais, preocupados com o modo como as dinâmicas sociais ocorriam, associaram as contribuições dos clássicos com as advindas de outros campos do saber, como a Ecologia, Biologia, Geografia, História, Filosofia e Psicologia¹⁶. Aqueles que, entretanto, mais se aprofundaram no estudo da relação homem-ambiente, na sociologia americana dos anos 1970, foram Willian R. Catton, Riley E. Dunlap e Allan Schnaiberg.

Em um artigo publicado em 1978, na Revista *The American Sociologist*, Catton e Dunlap admitem que "as perspectivas teóricas ostensivamente diversas e concorrentes na sociologia são idênticas no tocante ao seu antropocentrismo comum" e que "as

¹² Cf. BUTTEL, 2009, p.73.

¹³ *Ibid.*, p.73.

¹⁴ *Ibid.*, p.74.

¹⁵ WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UnB, 1991.

¹⁶ FLEURY, L.C.; ALMEIDA, J.P.; PREMEBIDA, A. O ambiente como questão sociológica: conflitos ambientais em perspectiva. *Sociologias*, v.16, n.35, p.34-82, 2014.

numerosas perspectivas teóricas concorrentes na sociologia moderna”, apenas exageraram diferenças entre si¹⁷. Dessa observação apontam para os conceitos de “paradigma da excepcionalidade humana” (PHE – *Paradigm of Human Exceptionality*) e o “Novo Paradigma Ambiental” (NEP – *New Environmental Paradigm*).

No primeiro conceito (PHE), sinteticamente, quatro pontos o explicam: (1) O humano é o único ser com cultura; (2) A cultura é variável e ela pode mudar as características biológicas; (3) As diferenças culturais são induzidas e não inatas e assim podem ser alteradas e (4) A acumulação cultural é sinônimo de continuação do progresso sem limites, o que solucionaria os problemas sociais.

Para o segundo conceito (NEP) supõem-se três tópicos explicativos: (1) Os seres humanos são uma dentre várias espécies e estão em relação com estas outras espécies, e as relações estabelecidas entre elas é o que molda a vida social; (2) A ação social do ser humano causa um efeito em outras espécies biológicas, e elas podem gerar consequências voluntárias ou involuntárias sobre a natureza e (3) O mundo é finito, o que significa que há limites para o progresso social. Dessa forma, o conceito “NEP” conduz a pensar o ser humano necessariamente inserido no ambiente como um sujeito pertencente a este e responsável pelas ações realizadas e nele praticadas.

Schnaiberg¹⁸, por outro lado, mostrava a dialética entre desenvolvimento e meio ambiente ignorando o fato do ser humano ser antropocêntrico. Considerava que a sociedade está em constante desenvolvimento e a exploração do meio ambiente é inevitável. Assim, dialeticamente, afirmava em sua tese que “o crescimento econômico é uma aspiração social”, ao passo que, na antítese, “a ruptura ecológica é uma consequência inevitável da expansão econômica”¹⁹. Assim, as demandas econômicas de desenvolvimento, decorrentes das relações sociais capitalistas, danificam o meio ambiente, mas sem elas seria impossível que a economia continuasse seu ciclo. Em sua dinâmica, cria monopólios de pessoas com poder financeiro e estas perpetuam este processo, realizando a centralização de recursos, impossibilitando aos agentes externos, como os Estados nacionais, a deter ou evitar estas centralizações. A reponsabilidade dos Estados, neste caso, é realizar atitudes paliativas de combate às consequências do desenvolvimentismo desenfreado.

Os autores aqui mencionados, Catton, Dunlap e Schnaiberg, são exemplos da preocupação das Ciências Sociais com o meio ambiente que, desde a década de 1960, passou a considerar os danos causados pelo acelerado ritmo mundial de produção econômica e como isso estava afetando os estoques de recursos naturais presentes no planeta. Observe-se que na *Laudato Si'* a “mãe terra” é citada em seu sofrimento, causado pela atividade humana, pois que:

¹⁷ CATTON Jr, W.R.; DUNLAP, R.E. Environmental sociology: A new paradigm. *The American Sociologist*, p.41-49, 1978.

¹⁸ Cf. BUTTEL, 2009.

¹⁹ *Ibid.*, p.82.

[...] clama contra o mal que lhe provocamos por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência, que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos. Por isso, entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que “geme e sofre as dores do parto” (*Rm* 8, 22). Esquecemo-nos de que nós mesmos somos terra (*Gn* 2, 7) O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos²⁰.

Política, Antropologia e a crise ambiental

Historicamente, é a partir de reuniões como Clube de Roma (1968–1972), Conferência sobre o meio ambiente em Estocolmo (1972), Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) da ONU – (1983–1987), Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD ou ECO – 1992), Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável de Johannesburgo (conhecida como Rio+10, em 2002) e recentemente a RIO+20, que os Estados se reúnem para pensar em medidas públicas acerca das ações humanas que degradam o planeta. A discussão da temática ambiental deixa, então, de ser uma questão exclusivamente acadêmica e passa ser política²¹.

Todavia, quando percebida de forma prática ou em seus efeitos práticos, o tom dos discursos e das ações enreda pelo universo promíscuo das relações de poder político institucionalizado com interesses econômicos, e os problemas ambientais decorrentes das ações humanas são tratados com soluções paliativas, pois os poucos acordos entre nações buscam diminuir, de forma gradual, os atos ambientais, desde que não impactem forte e negativamente o *status quo* econômico²².

Na Antropologia, por sua vez, as relações entre os seres humanos, sociedade e os meios de sobrevivência são problematizadas a partir do contato com o mundo “não ocidental”, comparando-o com a cultura ocidental. É desse modo que²³ abordam criticamente quatro tópicos em que a Antropologia, em seu percurso histórico, patrocinou estudos sobre o humano e seu ambiente. São eles: (1) As sociedades primitivas estabeleciam uma relação harmônica com a natureza; (2) A crise ambiental é resultado do grau de desenvolvimento técnico; (3) Os problemas ambientais são objetivos e devem

²⁰ Cf. FRANCISCO, Papa, 2015 §2.

²¹ *Id.*

²² KOVALSKI, R.A. Desenvolvimento territorial sustentável: uma análise da evolução do pensamento humano em relação à consciência sobre o meio ambiente. *Revista de Humanidades*, v.31, n.1, p.101–120, 2016.

²³ FOLADORI, G.; TAKS, J. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. *Mana*, v.10, n.2, p.323–348, 2004.

ser assumidos cientificamente; (4) As contribuições metodológicas para a sustentabilidade.

Ao discorrer sobre as sociedades primitivas e suas relações “harmônicas” com o meio ambiente²⁴, desmitificam esta ideia, mostrando, através de estudos antropológicos produzidos por autores, que as ações humanas historicamente resultam em degradação ambiental. Nos períodos em que havia pouca tecnologia e o modo de sobrevivência humana era à base de caça, pesca e agricultura, eles destacam que este modo cultural de vida também gerava consequências ao ambiente. Dessa forma:

Não são necessárias máquinas de desmatamento maciço para provocar grandes danos ambientais. As sociedades com tecnologia primitiva estabeleceram, no passado recente, uma marca insuperada nesse sentido, já que desencadearam o que, nas palavras de Storrs Olson, consistiu em ‘umas das mais rápidas e graves catástrofes biológicas da história da Terra’²⁵.

Ao analisar o item “A crise ambiental é um resultado do grau de desenvolvimento técnico”, é destacado pelos autores que o domínio tecnológico, desde as primeiras experiências humanas registradas, é passível de impactos ambientais, e que o desenvolvimento de tecnologias do período de produção pré-capitalista em diante não é o problema central, mas sim, as atitudes, comportamentos e ações que intensificam a extração de recursos do planeta. Segundo os autores:

Embora ninguém seja tolo para negar as significativas consequências do advento das máquinas, os sistemas sociotécnicos pré-industriais eram eles mesmos complexos e implicavam dominação e exploração econômicas [...]. Um sistema sociotécnico pré-industrial unifica recursos materiais, rituais e sociais em uma estratégia de conjunto para a reprodução social. No curso da participação em tal sistema, muitos indivíduos, senão a maioria, veem-se desempenhando papéis dependentes e sendo explorados. A reificação não é de modo algum restrita à tecnologia industrial²⁶.

O tópico “Os problemas ambientais são objetivos e devem ser assumidos cientificamente” está representado na história ocidental referente ao período de preocupação das nações com as questões ambientais, que é um modo elitizado pela ciência de tratar a problemática ambiental humana. Para os autores, isso “criou uma grande elitização e tecnicização do problema ambiental. Ninguém pode sentir o aquecimento global: quem determina o grau, a amplitude e os efeitos da problemática ambiental são agora os cientistas”²⁷.

²⁴ Cf. FOLADORI; TAKS, 2004.

²⁵ *Ibid.*

²⁶ *Ibid.*

²⁷ *Ibid.*

Na abordagem sobre “As contribuições metodológicas para a sustentabilidade”, há a realização da crítica ao relativismo, escola teórica desenvolvida por Franz Boas. Ao considerar que há diferentes culturas no mundo e que nenhuma pode ser comparada a outra, impossibilitou por muito tempo que se analisasse criticamente as relações sociais humanas. É somente com as contribuições etnológicas e etnográficas de Tim Ingold, Phillippe Descola e Eduardo Viveiros de Castro que se incorpora novas formas de abordagem da questão ambiental²⁸. Estes, ao estudarem etnias não ocidentais, verificaram que a distinção entre natureza e cultura que resulta no antropocentrismo – no domínio do humano sobre a Terra – não existe entre elas. E que estas etnias se envolvem com a natureza de uma maneira diferente das que se encontram em povos que consideram os humanos pertencentes ao meio ambiente e responsável pelas ações neste mundo. Concluem os autores que:

Abandonando-se o ponto de vista etnocêntrico, que considerava a natureza como a ordem objetiva – a ser descrita segundo as ciências naturais, e à qual cada povo atribuía significados culturais diversos, segundo um modelo mental intra ou supra orgânico –, passou-se a uma atitude, no mínimo, cuidadosa no tratamento do dualismo natureza/cultura, de origem cartesiana, tendo-se chegado até mesmo a visar sua total dissolução²⁹.

Reunindo diversos estudos etnográficos³⁰ percebem que a relação entre índios na América do Sul, os animais e meio ambiente não são de dominação, mas que todos pertencem de igual modo ao mesmo ambiente. O uso de elementos da natureza, para eles, é pensado de forma coletiva, de modo que aquilo que é retirado para consumo tem um significado cultural diferente das relações de acumulação capitalista. Em outro modo, o uso para subsistência coletiva, práticas rituais ou trocas é feito de modo sustentável.

Castro³¹, finalmente, é aqui lembrado por melhor descrever esta relação simbiótica. A partir de estudos etnográficos o autor afirma que na América indígena vê-se a relação cosmológica entre humanos e meio de vivência. Pelo viés predominante no mundo ocidental verifica-se uma prática “multiculturalista”, o que significa dizer que as espécies que vivem no planeta possuem um corpo biológico e há diferentes culturas. Os indígenas, por sua vez, veem o contrário. O multinaturalismo, seguido por eles, é a consideração da existência de um único espírito – que para os ocidentais seria a cultura – expressas em diferentes corpos (em diferentes espécies). Com isso, o tratamento com a natureza não é de dominação, e sim, de pertencimento e interdependência.

²⁸ TAKS, J.; FOLADORI, G. La Antropología frente al desafío ambiental. *Revista Mad*, n.6, 2002. Disponível em: <<http://www.facso.uchile.cl/publicaciones/mad/06/paper04.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*

³¹ CASTRO, E.V. Perspectival Anthropology and the method of controlled equivocation. *Tipiti*. Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America, v.2, n.1, 2004. Available from: <<http://digitalcommons.trinity.edu/tipiti/vol2/iss1/1>>. Cited: 30 Jan. 2017.

Na *Laudato Si'*, o Papa Francisco reconhece que tudo está interligado³², de modo que nossa postura diante da natureza e de outros seres determina o curso, o impacto e as reações destes.

Esta situação [que vivemos] leva-nos a uma esquizofrenia permanente, que se estende da exaltação tecnocrática, que não reconhece aos outros seres um valor próprio, até a reação de negar qualquer valor peculiar ao ser humano. Contudo, não se pode prescindir da humanidade. Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia. Quando a pessoa humana é considerada apenas mais um ser entre outros, que provém de jogos do acaso ou dum determinismo físico, corre-se o risco de atenuar-se, nas consciências, a noção da responsabilidade [...] Não se pode exigir do ser humano um compromisso para com o mundo se, ao mesmo tempo, não se reconhecem e valorizam as suas peculiares capacidades de conhecimento, vontade, liberdade e responsabilidade.

Considerações Finais

A partir da contextualização histórica e social da formação de alguns conceitos propostos por Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx, autores contemporâneos da Sociologia, da Antropologia e da Ciência Política, dentre eles, destacamos Foladori e Taks, que discutem a temática ambiental nos mesmos moldes e com as mesmas perspectivas teóricas e de ação consoantes à *Laudato Si'*, do Papa Francisco. Vê-se que em ambas reiteram-se a falência da ideologia do progresso e da sociedade de consumo, e afirmam a necessidade de mudança de postura, de hábitos e de comportamentos que cada um e todos nós teremos que assumir, caso queiramos preservar e garantir a sobrevivência do planeta e de seus habitantes, atuais e futuros.

³² Cf. FRANCISCO, Papa, 2015, §117.

